

O «ABRANDAMENTO» VISTO POR MOSCOU

F. O. MIKSHE

Tradução da "Revue de Defense Nationale"
de março/1969 pelo Maj. P. Marcos.

1. O desaparecimento da Europa Central

O equilíbrio europeu, severamente abalado em 1919, foi completamente rompido em 1945 com as decisões tomadas em Yalta.

A princípio a Europa era constituída por três grandes espaços geopolíticos: a Europa Oriental, a Central e a Ocidental.

No decurso de séculos, a Europa Central desempenhou um papel de bastião, de um muro, sobre o qual se quebraram, inicialmente, as invasões dos mongóis e dos turcos e, posteriormente, barrou o caminho às penetrações dos povos eslavos. Após o desmembramento da monarquia austro-húngara, a Europa Central perdeu sua coesão e nunca mais reencontrou a segurança e a paz. Esse desmembramento, decidido em 1919, não respondia às necessidades políticas, econômicas e culturais de uma região que constitui realmente um conjunto geopolítico muito bem definido. Se bem que já hajam decorrido cinquenta anos desde o Tratado de São Germano, o tempo não ratificou as decisões tomadas então pelas potências aliadas.

Com o fim da segunda guerra mundial, o pan-eslavismo viu, finalmente, coroado de êxito seu velho sonho: tomar pé na bacia danubiana. Somente a Iugoslávia pôde escapar a isso pois as ambições de Moscou se chocam, até o presente, com a resistência de Tito. O cinturão de satélites soviéticos, que vai desde o Báltico ao Mar Negro, não possui mais entre o Este e o Oeste essa Europa intermediária que outrora denominavam "Mittel Europa". Ela constitui indubitavelmente, hoje em dia, uma vanguarda da Europa Oriental. O ocidente e o oriente europeus tornaram-se vizinhos de quintal.

Essa situação nos leva a dez séculos atrás, à época na qual as tribos eslavas avançaram até o Elba e ao Saale. A Europa Ocidental não só perdeu seu equilíbrio geopolítico mas também sofreu em sua autonomia. Submetida permanentemente à pressão de um império pan-eslavo gigantesco, que se estende do Ural às costas do oceano Pacífico, com o único apoio da América; ela, a Europa Ocidental, está "numa perna só". Moscou sabe perfeitamente que se ela não lograr,

através de um grande esforço de união e de unificação, melhorar sua base, não terá condições para permanecer assim indefinidamente, tanto mais quanto seus sustentáculos do Oriente Próximo e do Mediterrâneo já se acham abalados. Tal situação proporciona aos russos vantagens que nunca tiveram no curso de sua história.

2. O imperialismo eslavo e seus fermentos revolucionários

Até a última guerra, a União Soviética constituía um Império que, apesar de sua enorme extensão, estava, geograficamente, isolado do resto do mundo e que, por isso mesmo, vegetava à margem da história política mundial. Mas, após 1945, Moscou se serviu do baluarte que conquistou entre o Báltico e o Mar Negro para manter sob pressão as demais nações da Europa Ocidental. O domínio que a Rússia conseguiu sobre a Europa Central e Oriental, a capacidade de produção industrial de certos países que ela incorporou ao "status" comunistas, fora de dúvida, favoreceram enormemente seu próprio progresso. Assim ela, outrora unicamente continental, foi pouco a pouco se tornando a segunda potência mundial — se não a primeira — em vários setores. Em um período espantosamente breve, de uns vinte anos, ela pôde estender sua influência, passo a passo, até às portas da América e se infiltrou politicamente no Mundo Árabe, na África Negra, na Índia e no sudoeste da Ásia.

A diplomacia ocidental nos parece haver feito provas de uma negligência impressionante quando tolerou, em seus esforços pacificadores, que Moscou estendesse, a esse ponto, a sua influência sobre os outros continentes. É evidente o caráter imperialista da política soviética, para a qual só contam seus interesses nacionais. A medida que o sol vermelho do comunismo clássico desaparece pouco a pouco no horizonte, o pan-eslavismo projeta sua sombra sobre a nossa Europa Ocidental e a ameaça que exerce não é daquelas que um simples aburguesamento do regime faz desaparecer. Um nacionalismo russo dinâmico, liberto dos liames paralisantes da ideologia marxista, poderia tornar-se mais perigoso ainda do que o comunismo embaraçado em suas contradições e seus envelhecidos dogmas.

Evitemos, pois, o erro fundamental que consiste em ver no antagonismo Leste-Oeste somente uma contestação puramente ideológica, sem levarmos em conta fatores que, desde o século XVIII, sempre foram determinantes da política da Rússia. Vimos, pelos acontecimentos da Tcheco-Eslováquia, que os "donos" do Kremlin não estão nada dispostos a consentir que haja fissuras em seu baluarte europeu. Vemo-los, ao mesmo tempo, preparar zelosamente a implantação de suas bases de operação fora da Europa, principalmente no Mediterrâneo e na Ásia Menor, em pontos de grande importância estratégica que as antigas potências coloniais já abandonaram voluntariamente com extrema rapidez e alguma

negligência. Aquilo que os tzares, apesar de seus esforços, sempre renovados, não haviam logrado obter, a penetração da Rússia no Mediterrâneo, seus herdeiros conseguiram sem combater e sem resistência, sob a cobertura da coexistência pacífica. Com a conquista da Europa Central, o surgimento de uma frota naval soviética ao sul dos Dardanelos, faz parte desses acontecimentos que trazem em si as marcas de uma verdadeira reviravolta da história.

Qualquer que possa ser o desenvolvimento do comunismo, o poder mundial russo prossegue, hoje como ontem, em sua política tradicional, sempre envolvida em algum mistério e hábil em provocar surpresas. Desde o último golpe de Praga, ninguém poderá crer que Moscou seja capaz de, em qualquer época, acertar lealmente, as suas divergências com o Ocidente e a concordar com essa finalidade, em fazer as indispensáveis concessões. Será que os russos poderiam, de uma hora para outra, esquecer toda sua história, desde a dos tempos dos tzares até o de Stalin? Será que eles poderiam deixar de explorar a fundo a situação geopolítica criada em seu benefício e renunciar ao velho preceito: "O que é meu é meu mesmo, discutamos o que ainda é teu?" Se não perdermos de vistas essas duras verdades, poderemos evitar cair nas armadilhas que nos criam certas palavras de duplo sentido no vocabulário empregado entre Moscou e o Ocidente.

A palavra "abrandamento" ou "distensão" ou "relaxamento" por

exemplo, segundo a utilizem diplomatas ou homens de Estado de um ou outro campo não tem significados diferentes? Se o Ocidente vê nela uma solução às controvérsias por via de negociações entre Estados soberanos, a aproximação recíproca pela competição pacífica entre os sistemas do Leste e do Oeste e o livre exercício do direito dos povos de se governarem por si próprios, o Kremlin, ao contrário, descobre nisso uma conjura maquiavélica para destruir a hegemonia moscovita sobre os povos soviéticos.

Do lado ocidental, praticar uma tal política de "abrandamento" consiste, freqüentemente, manter-se na defensiva e evitar tudo o que possa comprometer o "statu quo". Do lado russo, ao contrário, consiste em prosseguir na ofensiva política de combate ao Ocidente. A OTAN, que representa uma aliança de Estados soberanos, Moscou opõe o Pacto de Varsóvia que não é somente, face a nós, um instrumento de poderio mas que lhe serve para dominar seus próprios aliados. Estes se vêem obrigados a abrigar tropas russas estacionadas em seus territórios e a participar de manobras comuns cujo pretexto é assegurar a "solidariedade socialista".

Aquele que analisar, em detalhe, a política soviética não escapará o grande objetivo desta. Primeiramente transparece que os "donos" da URSS não estão absolutamente dispostos a fazer concessões necessárias ao restabelecimento de uma paz real e duradoura na Europa. Suas intenções, muito mais simples, provêm

de outro desígnio: enquanto a "coexistência" garante ao Leste, no domínio da estratégia indireta, um vasto campo de operações políticas orientadas contra o Ocidente, este, timidamente atado a sua simples conservação, renuncia a qualquer iniciativa tendente a combater a "pacífica" expansão russa. Por uma singular mistificação, tal expansão se identifica como "luta pela paz", instrumento n.º 1, na língua comunista, de um imperialismo pan-eslavo que, à imagem de todas as ideologias conquistadoras, criou sua própria moral. O que servir para si está certo, o que não servir está errado e como a verdadeira ordem, segundo um tal conceito, só pode reinar em países inteiramente submetidos à ideologia comunista, qualquer atitude que contrarie as ambições da Rússia é denunciada, por ela, como perigosa para a causa da paz.

É verdade que os russos, como nós, procuram evitar um confronto militar e é inverossímil que eles algum dia hajam pensado seriamente em desencadear uma guerra de conquista.

Mas, por que razão tentariam eles cruzar o Elba, à força, quando tantos outros caminhos, menos perigosos, lhes estão franqueados para realizar seus objetivos políticos? Todos aqueles que tentam avaliar em termos de agressão clássica, de natureza essencialmente militar, a ameaça soviética sobre a Europa Ocidental são invariavelmente levados a cometer vários erros, tanto no domínio político como no estratégico.

3. A "política quente" de Moscou

Examinemos com mais detalhe o que engloba, exatamente, a expressão de "guerra fria". Tal expressão não foi inventada pelos russos e sim forjada, como um "slogan", pelo jornalismo americano para designar o que poderia ser denominado de "política quente" praticada por Moscou. As várias interpretações dadas ao conceito de "guerra fria" dão lugar a grandes confusões. Assim é que certos políticos acreditaram que a "guerra fria" estaria terminada desde que as opções essenciais da política soviética permanecessem mais ou menos imutáveis. O Kremlin, hoje como dantes, busca a decisão pelo combate contra o Ocidente; um combate que não deve evidentemente pôr em jogo os meios militares mas que se esforça por manobrar o adversário de tal maneira que este seja compelido a uma série de concessões parciais. Essa tática que alguns assemelharam ao corte de fatias num salame não tem, infelizmente, nada de novo. Em 1856, Karl Marx já escrevia no "New York Tribune": "Contando com a covardia das Côrtes europeias, a Rússia sacode o sabre na bainha e aumenta suas exigências tanto quanto pode a fim de se prevalecer, em seguida, de uma atitude mais modesta que lhe permite contentar-se generosamente com a concretização de seus objetivos mais próximos".

Política "quente", infinitamente variada em suas nuances, que "amorna" em tal ou qual setor da imensa frente de batalha e que reaviva os braseiros em outros pontos, em outros teatros de ope-

ração; política ao mesmo tempo ardente e paciente que desgasta os nervos já enfraquecidos dos oponentes ocidentais. Ela não perde nunca de vista o sentido global do conflito permanente entre os dois mundos. Sob os repetidos golpes, desfechados por suas forças clandestinas, sempre habilmente disfarçadas, as relações de potência se modificam pouco a pouco. A suprema ambição é de que os futuros escritores da história possam ver, lançando um olhar de conjunto sobre as transformações acumuladas, o quadro magnificamente composto de uma única e grande revolução mundial.

4. Estratégias do Leste e do Oeste

As forças armadas, sobre as quais se apóia tal política, merecem um exame cuidadoso. Enquanto o Ocidente, prêso em sua doutrina de dissuasão passiva, renuncia "a priori" a uma resistência ativa, Moscou dispõe de um sistema militar ofensivo. O papel destinado a esse aparelho não é o de dissuadir adversários eventuais de um ataque contra a União Soviética (pois forças muito menores bastariam para tal). Tão pouco o é de atacar o Ocidente. Ele visa, isto sim, a manter os países da OTAN sob uma pressão paralisante e, assim, garantir a mobilidade ofensiva da política russa. Em outras palavras, o objetivo da estratégia soviética não é o de quebrar uma resistência qualquer pela força e sim neutralizar previamente qualquer política contrária aos interesses de Moscou.

Se sobrevém uma crise de vulto, os "donos" do Kremlin, conscientes da absoluta superioridade de suas forças convencionais, podem declarar prontamente que não têm a intenção de empregar as armas nucleares a não ser para responder a um ataque da mesma natureza. Enquanto isso o Ocidente, devido à sua fraqueza em meios não atômicos, só pode encarar a resposta desesperada do recurso às armas nucleares, isto é, à marcha do suicídio como única alternativa ao abandono político. Uma tal dissimetria de posição nos parece ser um fator determinante das relações entre o Leste e o Oeste. Tal fator abre ou não um campo de ação gigantesco à "política quente" de Moscou?

Um contraste chocante se revela a nossos olhos quando examinamos separadamente as estruturas militares do Leste e do Oeste. A Leste as armas atômicas servem de cobertura às armas convencionais. Elas não estão condenadas, como no Ocidente, a transformar-se no principal meio de combate. O sistema militar soviético é destinado a apoiar a política "quente" do Kremlin enquanto que a teoria da dissuasão dá ao aparelho militar ocidental um caráter rígido e passivo que o torna incapaz de responder eficientemente às pressões vindas de Leste.

As vezes se evoca os problemas de resolução das crises. São eles que, em realidade, merecem a maior atenção e o maior esforço de imaginação. Podemos admitir como secundárias, no atual estágio do mundo, as discussões entre

peritos que se interrogam sobre a maneira pela qual a futura guerra, se eclodisse, deveria ser conduzida e indagam se seria mais conveniente livrá-la com armas atômicas ou forças convencionais; se as batalhas seriam travadas em frentes estabilizadas ou se seriam dirigidas por uma estratégia de movimento. Muito mais vital é definir uma estratégia politicamente utilizável e um sistema militar capaz de responder às ações e possibilidades do adversário.

Para barrar os caminhos da desordem, da subversão e da guerra não é suficiente declarar que toda agressão por forças convencionais receberia como resposta imediata e inevitável o desencadeamento das infernais forças nucleares. É preciso poder opor a toda ação adversa, uma outra que neutralize seus efeitos. Se não fôr assim, perde-se a iniciativa sem a qual não pode existir nenhuma política flexível e, portanto, não há chance de vitória.

5. A geopolítica do setor central da Europa

Como em qualquer confronto de forças, não é só o volume dessas que é importante; muito mais ainda é o espaço no qual elas atuam e as direções nas quais essas forças podem ser empregadas. Se as divisões soviéticas estivessem estacionadas atrás do Vístula e nos Cárpatos, em vez de permanecer às margens do Elba e nas florestas da Boêmia, a pressão que atualmente exercem sobre nós, seria muito menor. Não que

devamos nos inquietar com o papel de "cordão de isolamento" que a Rússia atribui às suas forças no baluarte para se proteger contra as influências estrangeiras, mas a ameaça que daí emana vem do fato de que tal baluarte serve de base à política ofensiva soviética e isso é de uma importância incomparavelmente maior.

É preciso nos situarmos em Moscou e daí contemplarmos a carta da Europa no sentido Leste-Oeste para compreender a importância que tem, aos olhos dos "donos" do Kremlin, esta vasta base de operações e como eles podem se ver tentados a se servir dela para estendê-la até a minúscula península que ocupam, na extremidade ocidental da Eurásia, os povos europeus ainda livres. Na expectativa das grandes confrontações que se preparam no Extremo Oriente, será que a independência desses povos não constituiria uma ameaça latente para a segurança das aguardas do imenso império soviético e, por isso, não seria interessante, então subjugar-los?

A peça mestra do baluarte soviético é constituída pelo quadrilátero da Boêmia. Sua importância estratégica é bem conhecida. Ele liga os dois campos de forças geopolíticas que são:

- de um lado o setor central europeu (Praga — Pankov — Varsóvia);
- de outro a bacia do Danúbio e os Bálcãs (Budapeste — Bucareste — Sofia).

A supremacia no triângulo Praga — Varsóvia — Pankov apresenta uma dupla vantagem para

a estratégia soviética. Ela garante em primeiro lugar à Rússia uma posição dominante no mar Báltico, esse vasto mar interior, tão importante para os países nórdicos devido à comunicação pelo Skagerak com o mar do Norte e o Atlântico. (1)

Em segundo lugar, a sujeição da Polônia, Tcheco-Eslováquia e Alemanha Oriental, assegura a Moscou uma influência determinante sobre a Alemanha Ocidental e por ela sobre a própria Europa Ocidental.

O pensamento de Lenine: "Quem tiver a Alemanha tem a Europa" permanece, para o Kremlin, como uma das chaves de sua política. Se a aproximação das duas Alemanhas — a Oriental e a Federal — e a sua reunificação tivessem que ser consideradas um dia, como solução inevitável, os povos ocidentais devem saber que para a Rússia ela só admitiria se se tratasse de um enquadramento de Bonn por Pankov. O papel de elemento reunificador teria que ser do regime de Walter Ulbricht. A anexação ao bloco soviético da República Federal Alemã, com seus sessenta milhões de habitantes e seu enorme potencial econômico, provocaria uma reviravolta total das relações de potencial e daria a Moscou o predomínio sobre a Europa inteira.

Por todas essas razões, a política soviética, em relação à Euro-

pa Ocidental, nos parece perseguir os seguintes objetivos:

- provocar o declínio definitivo da OTAN e o abandono da Europa pelas Forças Americanas;
- impedir a unificação da Europa Ocidental, único obstáculo possível à expansão soviética;
- isolar a República Federal Alemã para anexá-la finalmente, tão "pacificamente" quanto possível, a sua esfera de influência.

Em uma perspectiva a longo prazo, os objetivos de Moscou não são desprovidos de realismo que à primeira vista possam parecer. Na Ásia, tanto quanto na Europa, as rédeas parecem escapar pouco a pouco dos americanos. A OTAN foi duramente golpeada, a esperança das nações ocidentais, de conseguir uma Europa unida, se afasta cada vez mais.

A infatigável propaganda soviética contra a República Federal Alemã não é, absolutamente, pelo receio que esta possa inspirar à Rússia. Moscou sabe muito bem que Bundswer só poderia ser engajada em um conflito no quadro da Aliança Atlântica e que, de qualquer modo, suas doze divisões não constituem uma força suficiente por si só para adotar uma atitude agressiva. Estigmatizando a República Federal como único elemento perturbador do entendimento entre o Leste e o Oeste, o Kremlin consegue duas

(1) Desde 1962 a península de Kola tornou-se uma base marítima de primeira classe, com arsenais, abrigos para submarinos e rampas de foguetes. Das quatro esquadras soviéticas: Pacífico, Mediterrâneo, Báltico e Mar do Norte, a mais forte e moderna é esta última.

vantagens. Primeiro êle atíça no Ocidente a desconfiança, sempre viva, que traz à lembrança de lutas passadas e em segundo lugar, agita o espectro do belicismo germânico para manter sob seu domínio os povos satélites, à frente dos quais se colocam os poloneses.

Amargamente desiludidos pelos exageros de seu próprio nacionalismo, o povo alemão, após a derrota hitlerista, acreditou sinceramente em reencontrar uma nova razão de viver na edificação progressiva de uma Europa Ocidental unida. O declínio dessa esperança a conduz, pouco a pouco, a duvidar do futuro.

Este não é, fatalmente, determinado pela existência de uma tensão entre a República Federal Alemã e a União Soviética, fato freqüentemente esquecido pelos homens de Estado do Ocidente. O problema é muito mais vasto e humano; é o das relações entre russos e alemães e, num sentido mais geral, dos laços que se formaram ao longo da história entre alemães e o Leste europeu. Tais relações sempre foram ricas em contribuições de toda a natureza: culturais e econômicas.

Até a época de Bismarck, as relações germano-russas foram muito amigáveis. A imagem de uma inimizade histórica, tradicional, entre germanos e eslavos não corresponde absolutamente a inquestionável fatalidade.

Com exceção dos poloneses, sempre em litígio com seus vizinhos, e, em menor escala, dos tchecos, a maioria dos povos do Leste (eslovacos, húngaros, búl-

garos, rumenos, croatas) sempre mantiveram proveitosas relações com o mundo germânico. A importância dessas recordações aparecerá maior ainda se nos lembrarmos que a chave dos problemas de vulto que se apresentam à política alemã, está atualmente nas mãos de Moscou. O Leste europeu terá pois, hoje como ontem, um lugar importante nas preocupações da Alemanha. O equilíbrio existente atualmente entre a Europa Atlântica, tão fracamente estruturada, e a Europa soviética é talvez tão precário quanto o de uma balança que ignoremos para que lado penderrá a seta indicadora.

O Ocidente erraria se esquecesse que uma simples modificação de influências poderia modificar esse equilíbrio e mudar completamente o futuro de nosso continente.

6. Sudeste europeu e Mediterrâneo

O sudeste europeu e o Mediterrâneo são objetivos diferentes que se ligam aos interesses da URSS na outra metade de seu baluarte: bacia do Danúbio e Balcãs. Enquanto que o domínio de Moscou sobre o triângulo Praga — Pankow — Varsóvia serve de base a sua "política quente" em relação à Europa Ocidental, o triângulo Budapeste — Bucareste — Sofia só assumiu uma importância crescente após a penetração da frota russa no Mediterrâneo. Foi estabelecida uma ligação entre a pressão frontal do Exército Vermelho, fixando as forças europeias entre o mar Báltico e os Alpes, e o avanço pelo Mediter-

râneo, de sorte a colocar a Europa Ocidental entre os dois braços de uma tenaz.

A OTAN, decidindo pela admissão da Turquia e da Grécia em seu seio, pensava poder impedir o desembocar do poderio naval soviético do mar Negro.

O ferrôlho mostrou ser ineficaz. Por meio de uma manobra em grande estilo, a União Soviética soube aproveitar o conflito de Suez em 1965 para se imiscuir em nossas querelas com o Mundo Árabe, proclamar seu direito de palavra em todos os problemas do Oriente Médio e dos mares que o envolvem e adotar, pouco a pouco o papel de potência mediterrânea. Para provar que não se trata de uma intervenção passageira e sim de uma política de presença metódicamente programada, vários fatos podem ser invocados:

- as entregas constantes de armamentos aos países árabes. Tais entregas ultrapassam, de muito, as quantidades que seriam necessárias a fins puramente defensivos, o que demontaria claramente a vontade da URSS não de manter o "statu quo" mas a de promover mudanças que a favoreçam.
- as aparições cada dia mais frequentes de navios de guerra soviéticos que cruzam o Mediterrâneo nas águas patrulhadas pelas forças navais da OTAN e da VI esquadra americana. Sua presença concretiza a influência crescente que, sob o manto de proteção, o Krem-

lin se esforça por exercer sobre os países árabes, sobretudo àqueles mais agitados por movimentos revolucionários.

- o novo programa de construções navais que prevê, na URSS, a construção acelerada de cruzadores portamísseis, porta-aviões, navios de desembarque. Tal programa vem em apoio à transformação da estratégia naval soviética, até então orientada para os mares interiores, para uma estratégia oceânica.

A firmeza do governo de Ankara permitirá ao Ocidente, durante algum tempo ainda, não se alarmar muito com a presença da frota russa nas águas do Mediterrâneo pois essa frota só poderá se recuperar e reabastecer, no momento, através dos Dardanelos. Moscou porém não mede esforços no sentido de conquistar os turcos para sua esfera de influência pois visa a obter, um dia, maior flexibilidade na aplicação do Tratado de Montreux de 1936 que regula a passagem de navios pelo estreito entre os mares Negro e Mediterrâneo. Assim, de um ou outro modo, seja pela força ou pelas negociações, ou ainda por uma combinação de ameaças e seduções, veremos reabrir-se a velha questão dos Dardanelos.

Por outro lado, a evolução da situação no Bósforo não é o único meio pelo qual a Rússia pode pensar para o ulterior incremento de sua esquadra no Mediterrâneo. Essa esquadra não poderá atingir um grau de poderio suficiente se não puder contar com

vantagens. Primeiro éle atica no Ocidente a desconfiança, sempre viva, que traz à lembrança de lutas passadas e em segundo lugar, agita o espectro do belicismo germânico para manter sob seu domínio os povos satélites, à frente dos quais se colocam os poloneses.

Amargamente desiludidos pelos exageros de seu próprio nacionalismo, o povo alemão, após a derrota hitlerista, acreditou sinceramente em reencontrar uma nova razão de viver na edificação progressiva de uma Europa Ocidental unida. O declínio dessa esperança a conduz, pouco a pouco, a duvidar do futuro.

Este não é, fatalmente, determinado pela existência de uma tensão entre a República Federal Alemã e a União Soviética, fato freqüentemente esquecido pelos homens de Estado do Ocidente. O problema é muito mais vasto e humano; é o das relações entre russos e alemães e, num sentido mais geral, dos laços que se formaram ao longo da história entre alemães e o Leste europeu. Tais relações sempre foram ricas em contribuições de toda a natureza: culturais e econômicas.

Até a época de Bismarck, as relações germano-russas foram muito amigáveis. A imagem de uma inimizade histórica, tradicional, entre germanos e eslavos não corresponde absolutamente a inquestionável fatalidade.

Com exceção dos poloneses, sempre em litígio com seus vizinhos, e, em menor escala, dos tchecos, a maioria dos povos do Leste (eslovacos, húngaros, búl-

garos, rumenos, croatas) sempre mantiveram proveitosas relações com o mundo germânico. A importância dessas recordações aparecerá maior ainda se nos lembrarmos que a chave dos problemas de vulto que se apresentam à política alemã, está atualmente nas mãos de Moscou. O Leste europeu terá pois, hoje como ontem, um lugar importante nas preocupações da Alemanha. O equilíbrio existente atualmente entre a Europa Atlântica, tão fracamente estruturada, e a Europa sovieterizada é talvez tão precário quanto o de uma balança que ignoremos para que lado penderrá a seta indicadora.

O Ocidente erraria se esquecesse que uma simples modificação de influências poderia modificar esse equilíbrio e mudar completamente o futuro de nosso continente.

6. Sudeste europeu e Mediterrâneo

O sudeste europeu e o Mediterrâneo são objetivos diferentes que se ligam aos interesses da URSS na outra metade de seu baluarte: bacia do Danúbio e Balcãs. Enquanto que o domínio de Moscou sobre o triângulo Praga — Pankow — Varsóvia serve de base a sua "política quente" em relação à Europa Ocidental, o triângulo Budapeste — Bucareste — Sofia só assumiu uma importância crescente após a penetração da frota russa no Mediterrâneo. Foi estabelecida uma ligação entre a pressão frontal do Exército Vermelho, fixando as forças europeias entre o mar Báltico e os Alpes, e o avanço pelo Mediter-

râneo, de sorte a colocar a Europa Ocidental entre os dois braços de uma tenaz.

A OTAN, decidindo pela admissão da Turquia e da Grécia em seu seio, pensava poder impedir o desembocar do poderio naval soviético do mar Negro.

O ferrôlho mostrou ser ineficaz. Por meio de uma manobra em grande estilo, a União Soviética soube aproveitar o conflito de Suez em 1965 para se imiscuir em nossas querelas com o Mundo Árabe, proclamar seu direito de palavra em todos os problemas do Oriente Médio e dos mares que o envolvem e adotar, pouco a pouco o papel de potência mediterrânea. Para provar que não se trata de uma intervenção passageira e sim de uma política de presença metódicamente programada, vários fatos podem ser invocados:

- as entregas constantes de armamentos aos países árabes. Tais entregas ultrapassam, de muito, as quantidades que seriam necessárias a fins puramente defensivos, o que demontara claramente a vontade da URSS não de manter o "statu quo" mas o de promover mudanças que a favoreçam.
- as aparições cada dia mais frequentes de navios de guerra soviéticos que cruzam o Mediterrâneo nas águas patrulhadas pelas forças navais da OTAN e da VI esquadra americana. Sua presença concretiza a influência crescente que, sob o manto de proteção, o Krem-

lin se esforça por exercer sobre os países árabes, sobretudo àqueles mais agitados por movimentos revolucionários.

- o novo programa de construções navais que prevê, na URSS, a construção acelerada de cruzadores portamísseis, porta-aviões, navios de desembarque. Tal programa vem em apoio à transformação da estratégia naval soviética, até então orientada para os mares interiores, para uma estratégia oceânica.

A firmeza do governo de Ankara permitirá ao Ocidente, durante algum tempo ainda, não se alarmar muito com a presença da frota russa nas águas do Mediterrâneo pois essa frota só poderá se recuperar e reabastecer, no momento, através dos Dardanelos. Moscou porém não mede esforços no sentido de conquistar os turcos para sua esfera de influência pois visa a obter, um dia, maior flexibilidade na aplicação do Tratado de Montreux de 1936 que regula a passagem de navios pelo estreito entre os mares Negro e Mediterrâneo. Assim, de um ou outro modo, seja pela força ou pelas negociações, ou ainda por uma combinação de ameaças e seduções, veremos reabrir-se a velha questão dos Dardanelos.

Por outro lado, a evolução da situação no Bósforo não é o único meio pelo qual a Rússia pode pensar para o ulterior incremento de sua esquadra no Mediterrâneo. Essa esquadra não poderá atingir um grau de poderio suficiente se não puder contar com

bases mais sólidas do que as que ela possui atualmente no Egito e na Síria e, principalmente, se ela ficar privada de bases costeiras que as forças armadas soviéticas possam alcançar por via terrestre.

Para remediar tal inconveniente, a costa do mar Egeu e a do Adriático poderiam vir a constituir um objetivo cobiçado pela política moscovita. Atingir as margens do Adriático daria à URSS o controle do canal de Otranto, o acesso ao mar Jônico, face as orlas sul da costa italiana e nas proximidades imediatas da bacia do Mediterrâneo Ocidental. Os progressos dessa estratégia, ao mesmo tempo terrestre e naval, poderiam ser apoiados por uma força aérea russa baseada nos Bálcãs. O raio de ação dessa aviação se estenderia a oeste até Gibraltar, a sudoeste até o Egito e isolaria a Turquia e a Grécia do Ocidente, facilitando as ligações por ponte aérea com os países da África do Norte.

Não é lançando-se deliberadamente em uma aventura militar que os soviéticos poderiam tentar tais objetivos, porém eles não deixariam, para se aproximar deles, de aproveitar as oportunidades que lhes podem ser propiciadas pela hábil aplicação de seus métodos subversivos. Neste domínio os pontos de amarração de sua "política quente" nos parecem bastante numerosos, seja na Macedônia onde eles poderiam lançar mão das históricas rivalidades entre os sérvios e os búlgaros e entre os gregos e albaneses, seja na Iugoslávia onde eles poderiam

ser tentados a reviver as antigas rivalidades das populações que a compõem, isso no caso do desaparecimento do Marechal Tito. Não se deve desprezar também a Grécia em si, onde a situação interna pode dar lugar a várias surpresas.

Para a execução de ações através os Bálcãs, em direção ao Mediterrâneo, o grupo dos países satélites do sul (o triângulo Sofia — Bucareste — Budapeste) fornece à política soviética a base indispensável. Eis por que os "donos" do Kremlin não podem tolerar uma política de abrandamento e de liberalização — que seria prejudicial a sua influência na Hungria, România e Bulgária — e fizeram o que fizeram com a Tcheco-Eslováquia. Qualquer evolução política que, sob o pretexto de se tornar mais flexível, ultrapasse os limites fixados pelo Kremlin terá contra ela as mesmas forças de repressão que varreram, com seu poderoso sopro, os eflúvios de primavera de Praga. Se as represálias de Moscou se chocassem, nessas regiões, com resistências armadas de certo vulto, o desenvolvimento da crise poderia resultar em sério perigo para a própria Europa Ocidental. Não devemos ter a ingenuidade de pensar, como fazem certos políticos, que o "abrandamento", tão propício a fazer adormecer as suspeitas do Ocidente, pode da mesma maneira, quebrar os grilhões que o poder soviético impõe aos povos dos países satélites.

Deixemos de nos espantar com o vigor e a dureza com as quais o Kremlin amordaçou a Tcheco-Eslováquia. Se esta fôsse liberada

da tutela que lhe é imposta, seria aberta uma brecha, no centro do baluarte soviético, com uma profundidade de 300 km que separam os montes da Boêmia dos Cárpatos. Será que então a hegemonia moscovita sobre outros satélites não estaria também comprometida? O que teria acontecido então com o progresso que os soviéticos fazem no Oriente-Médio e na África do Norte?

7. Primazia atual do teatro do Mediterrâneo

Apesar do mal-estar que podemos constatar para além da cortina de ferro, se nos perguntarmos onde se situam, presentemente, os focos mais perigosos de crise para nosso continente, nossas vistas se voltariam, imediatamente e fora de qualquer dúvida, para a bacia do Mediterrâneo, se bem que os Governos de nossos países da Europa Ocidental pareçam avaliar mal as estreitar relações estratégicas que existem entre os inquietantes progressos do poderio soviético no flanco oriental da OTAN. Ficamos pasmos de ver com que facilidade a maioria desses governos relegam, aos americanos ou à ONU, o cuidado de decidir em questões,

para eles absolutamente vitais, que têm lugar na bacia do Mediterrâneo ou nas orlas desta e cuja solução pode afetar, de modo duradouro, o futuro da África e do Oriente Médio.

O Ocidente europeu deve se unir para fazer-se ouvir e manifestar realmente sua presença na solução de tais problemas. Caso contrário, não escaparemos, no futuro, ao cerco soviético.

Acontecimentos gritantes como a sujeição da Tcheco-Eslováquia e as manobras russas no Mediterrâneo devem bastar para nos abrir os olhos. A política de "abrandamento" só pode ter valor para o Ocidente se fôr apoiada por um poderoso conjunto de forças e uma vontade européia nitidamente expressa. E, mesmo que isso fôsse conseguido, não valeria de nada se o desejo de paz não fôsse acompanhado pela decisão de resistência ativa.

Não nos iludamos com palavras vãs. Se os povos europeus que permaneceram livres não tiverem a coragem de reconhecer e enfrentar essas duras verdades, só lhes restará confessar sua impotência política, ela própria fruto e reflexo da impotência militar para a qual o Ocidente se arrisca a cair.